



ESPAÇO DE FALA: PENSANDO POR E COM IMAGENS SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DAS MÃES DOLOROSAS NA AMÉRICA LATINA

PRISCILLA MONT-SERRAT PIMENTEL FERNANDES¹; URSULA ROSA DA SILVA²

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – montserratt.fav@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – ursularsilva@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa sob título “As representações da mãe dolorosa no Brasil: um estudo sobre a educação em artes entre imagens, vivências estéticas e propostas colaborativas” encontra-se em desenvolvimento no Programa de Pós Graduação em Artes Visuais na Universidade Federal de Pelotas (PPGAV/UFPEL). E tem como campo de pesquisa - além de ações extensionistas e criações poéticas - o Grupo de Pesquisa (CNPq) Caixa de Pandora: Estudos sobre Arte, Gênero e Memória.

A temática da mãe dolorosa é fruto dos encontros e conversas semanais entre as estudantes, pesquisadoras e artistas que vivenciam a(s) maternidade(s). Essa temática me faz perceber que é preciso olhar atentamente para as mães/criadoras/responsáveis como mulheres que possuem sua individualidade e subjetividade para além da própria maternidade. Também percebo a necessidade de analisar e questionar quando e porque a imagem da mulher se desvincula da imagem da mãe. Ou seja, existe uma mulher antes da maternidade e outra após a maternidade e com a maternidade existem mitos de que as mulheres devam se portar de maneira diferente das que não vivenciam a maternidade - como relata a escritora Elisabeth Badinter (2011) no livro “O conflito: a mulher e a mãe”.

2. METODOLOGIA

Assim inicia-se uma busca por referenciais bibliográficos que revissem a história e mito da maternidade. Entre as pesquisadoras e escritoras que se debruçam a escrever sobre a representação da mãe, o peso e culpa que caminham junto a vivências maternas, encontramos: Maria Nazareth Alvim Barros (2001), Mary Del Priore (2014), Elisabeth Badinter (2011), Elizabeth Monteiro (2012), Andrea Francke (2018), Margareth McLaren (2016), Silvia Federici (2017;2019), Conceição Evaristo (2005), entre outras.

Também foi através das convivências com outras mulheres que vivenciam a maternidade que percebi a existência de um discurso que re-produz um estereótipo pronto e dado do que é ser mãe. Essa mulher que carrega a maternidade tem consigo uma representação social que comunica como ela é - ou deveria ser. Isso me faz pensar na “Teoria Das Representações Sociais”, que surge com o psicólogo social Serge Moscovici, por volta da década de 60. A base dessa teoria é perceber como a partir da comunicação inter-pessoal no cotidiano se constroem imagens sobre um determinado grupo/objeto. Logo, podemos compreender a Teoria Das Representações Social como:

Em síntese, as representações sustentadas pelas influências sociais da comunicação constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como o principal meio de vidas cotidianas e servem como o



principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros”. (MOSCOVICI, 2003, p.8)

As construções dessas representações tem como objetivo central tornar algo que não é familiar como sendo familiar. Assim, tornamos normativos algumas performances de maternidades e por vezes essas ações e visualidades cristalizam em estereótipos. Segundo a professora-pesquisadora-artista Nádia Senna (2007) em “Donas da beleza: a imagem feminina na cultura ocidental pelas artistas plásticas do século XX” o arquétipo de maternidade desenvolve-se em três bases principais, sendo elas: mãe amorosa, mãe dolorosa e mãe gloriosa. A medida que a autora apresentou as imagens que representam esses arquétipos comecei a questionar como os/as artistas latino-americanos(as) pintavam as mulheres que exerciam o papel social de mães/criadoras/responsáveis.

Portanto início um processo de colher imagens de maternidade criadas por artistas latino-americanos(as), iniciando por pinturas do século XIX e XX, expostas em dois catálogos de Arte. Me surpreendi quando vi dezenas de representações dos arquétipos das mães dolorosas presentes nestes catálogos. Percebi que na América Latina temos uma construção e visibilização de uma mãe dolorosa: que sofre a perda precoce de seus filhos, que passa por necessidades físicas e emocionais, que está sozinha em meio a criação dos filhos, entre outras situações dolorosas. Artistas como David Alfaro Siqueiros, Emilio di Cavalcanti, María Izquierdo, Diego Rivera Dias, Frida Kahol, Isar Segall, José Maria Jara, Jean Baptiste Debret, Vítor Patricio de Landaluze, Edouard Pingret entre outros(as) pintaram a(s) mulher(es) e suas ações frente a(s) maternidade(s) em seus contexto sócio políticos com retratos de cenas do cotidiano. Dentro dessas seleções de imagens reparo sobre como são retratados os corpos femininos que carregam as representações das mães dolorosas e suas micro narrativas. E é nesse processo cartográfico de pesquisa entre colher imagens e conversar sobre este tema com mulheres que vivem a maternidade que desenvolve o costurar de metodologias que constroem essa pesquisa.

Esse estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, que tem como metodologia central a abordagem da bricolagem. Esta metodologia permite o tecer de métodos, ações, história de vida e fenômenos que ocorrem durante o ato de pesquisar. Logo, o bricoleur interpretativo entende que a pesquisa é um processo complexo que é feito e re-feito a medida que vai se deparando com o tema e problemáticas pesquisadas. Sendo assim, o bricoleur interpretativo pode ser entendido como alguém que:

entende que a pesquisa é um processo interativo influenciado pela história pessoal, biografia, gênero, classe social e etnia, dele e daquelas pessoas que fazem parte do cenário investigado. O produto final é um conjunto de imagens mutáveis e interligadas” (NEIRA E LIPPI, 2012, p. 611)

Ao colher as imagens de representação da mãe dolorosa em catálogos de Arte, busco a (des)construção de um olhar antropológico, uma arqueologia, que visibilize essas micro narrativas. A partir do método desenvolvido pelo historiador de Arte Aby Warburg em seu projeto Atlas Mnemosine pude construir painéis com temas específicos que dão pistas sobre a construção do discurso a respeito da mãe



dolorosa. O Atlas Mnemosine é uma proposta de narrar a história da cultura por meio de conexões entre imagens produzidas com temáticas pré estabelecidas. Sendo assim, este projeto conecta as visualidades, podendo conter na prancha fotografias: cédulas de dinheiro, mapas, reprodução de obras de arte, jornal, revistas, desenhos, rascunhos, poesias etc (SAMAIN, 2011, p.37). Ao compor uma prancha, nos deparamos com o recorte de uma temática em exposição e assim desenvolvermos uma arqueologia do olhar que nos mostrará nos detalhes como as imagens protagonizam e narram a(s) história(s) da(s) cultura(s).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Portanto é assim que inicio a busca por compreender o conceito de mãe dolorosa investigando as criações de imagens em nossa cultura. Até o momento construí quatro pranchas virtuais, sendo elas: Prancha virtual 1 - Imagens retiradas do catálogo Latin American artists of the Twentieth Century (1993); Prancha virtual 2: Imagens retiradas do catálogo Art in Latin American (1989) - diferença na representação dos corpos femininos; Prancha virtual 3: Imagens retiradas do catálogo Art in Latin American(1989) - diferença na representação dos corpos femininos em lugares privados e públicos; Prancha virtual 4: colhendo imagens: as representações da mãe amorosa e da mãe dolorosa. Existe também uma prancha física com as reproduções dessas imagens que faz parte desse processo que nomeio como “Colhendo imagens: as representações das maternidades na América Latina no século XX”.

O que quero discutir e questionar com essa pesquisa é sobre a (in)visibilização das narrativas frente a(s) maternidade(s). E sobre os corpos femininos que sofrem alterações em suas identidades e subjetividades quando estão diante a uma gana de cobranças e exigências - que estipulam uma maneira de ser e viver específica para mulheres que vivenciam o ato de si responsabilizar pelo crescimento de uma criança até a vida adulta. Segundo a escritora Conceição Evaristo (2005), em seu texto “Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira” existe um apagamento das maternidades de ancestralidade africanas na história do Brasil.

Essa invisibilização das mulheres e suas representações de maternidade que ocorre na literatura brasileira - e em nossa história - indica que estamos omitindo as histórias e narrativas das figuras maternas e a sua relação com a formação da cultura nacional (EVARISTO, 2005, p.53). Os questionamentos da escritora Conceição Evaristo (2005) me proporciona uma inquietação latente sobre a maternidade que está nos corpos femininos que são constantemente marginalizados e excluídos. Esses corpos começam a se revelar nas pranchas virtuais como corpos que são constantemente inferiorizados e sexualizados. Corpos femininos que são representadas para servir a um outro, e que são apagados por vezes na história hegemônica. Como resgatar a maternidade da mãe dolorosa e dar espaço para sua voz/história? Acredito que o campo da arte juntamente com um pensamento complexo será capaz de trazer alguns caminhos frente a esta questão.

4. CONCLUSÕES

Portanto essa pesquisa trata se de um estudo inicial sobre as representações das maternidades no Brasil que tem como objetivo pensar sobre como forma a re-produção da imagem que representa a mãe dolorosa. Busco pelo apagamento, a invisibilização, os corpos femininos marginalizados, a imagem que cristalizou e ainda

serve como regra para definir os passos de uma boa mãe. Essa mãe dolorosa que percebo nas representações das pinturas do século XIX e XX são mães/criadoras/responsáveis que ainda aguardam por um espaço para dialogar sobre o que lhe causam dor.

Esse sofrimento da mãe dolorosa que muito das vezes é abafado perante o mito da maternidade como grau o maior ideal da mulher precisa ser re-avaliado para que assim possamos construir novas subjetividades sobre o que é ser mãe/responsável/criadora na contemporaneidade (SENNA, 2007, p.63). Existem inúmeros caminhos e campos que atravessam essa temática e compreendo que este é um assunto inesgotável.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADES, Dawn. **Art in Latin America: the modern era, 1820-1980**. New Haven: Yale University Press, 1989.

BADINTER, Elisabeth. **O conflito: a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BARROS, Maria Nazareth Alvim. **As deusas, as bruxas e a Igreja: séculos de perseguição**. Editora Rosa dos Tempos, 2001.

EVARISTO, Conceição. **Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira**. Revista Palmares: Cultura Afro Brasileira, ano 1, nº 1, 2005. – p. 52-57. disponível em: <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2011/02/revista01.pdf>. Acessado em 24 de julho de 2019.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico e luta feminista**. Tradução coletivo sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FRANCKE, Andrea. **Escolas de arte, maternidade e ativismo. A experiência do Invisible Spaces of Parenthood**. In: CERVETTO, Renata; LÓPEZ, Miguel A. (Org) Agite antes de usar: deslocamentos educativos, sociais e artísticos na América Latina. (org.) 2018, p.154-162.

PRIORE, Mary del. **Histórias e Conversas de mulher**. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2014.
LATIN American artists of the Twentieth Century. New York: Museum of Modern Art, c1993.
MCLAREN, Margaret. **Foucault, Feminismo e Subjetividade**. Coleção Entregêneros. São Paulo: Intermeios, 2016.

MONTEIRO, Elizabeth. **A culpa é da mãe : reflexões e confissões acerca da maternidade** / Elizabeth Monteiro. – São Paulo : Summus, 2012.

MOSCOVICI, Serge; DUVEEN, Gerard. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 4. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SAMAIN, Etienne. **As “Mnemosyne(s)” de Aby Warburg: Entre Antropologia, Imagens e Arte** . Revista Poiésis, n 17, p. 29-51, Jul. de 2011.

SENNA, Nádia. **Donas da beleza: a imagem feminina na cultura ocidental pelas artistas plásticas do século XX**. Tese de doutorado, ECA, São Paulo, 2007.